



CLAUDIA DAIANE GARCIA MOLET
ADRIANA DUARTE DE LEON



RESUMO

Este artigo visa analisar uma prática pedagógica realizada junto a uma turma do Curso Técnico em Química, modalidade integrado do IFSUL, Campus Pelotas, no segundo semestre de 2016, em que se buscou identificar como a história do samba pode ser utilizada para abordar a educação das relações étnico-raciais nas aulas de História, do ensino médio técnico. Os dados que serviram de base para essa análise foram registrados por meio de um questionário com quatro questões fechadas e uma questão aberta que desafiaram aos alunos a refletir sobre o samba e sua origem. A primeira questão do referido instrumento teve como objetivo perceber se os alunos reconheciam quais gêneros musicais, entre eles o samba, eram de origem afro-brasileira. Para isso, os alunos escutaram diferentes músicas enquanto anotaram no questionário. A questão dois buscou perceber se os discentes conheciam quais instrumentos fazem parte tradicionalmente do samba, para isso foi disponibilizado a imagem dos seguintes instrumentos: cuíca, banjo, cavaquinho, piano, pandeiro, arpa, tamborim, reco-reco e agogô. Com a questão três pretendeu-se identificar se os alunos identificavam a Bahia como localidade de origem do samba, pois geralmente pensa-se que é o Rio de Janeiro, local onde ele se fortaleceu. A questão quatro visou investigar se os alunos já tiveram contato com alguns sambistas, para isso uma lista com vários artistas foi disponibilizada. A última questão foi elaborada para diagnosticar se os estudantes relacionavam a questão étnico-racial com o gênero musical, para isso contou com um depoimento do sambista João da Baiana e uma imagem da pintura "batuque" de Rugendas, a partir desse material os alunos deveriam apontar alguns motivos por que o samba foi perseguido na Primeira República (1889-1930). Os dados coletados junto aos alunos estão em fase de categorização, mas já é possível afirmar que a temática em questão possibilita retomar a história e a Cultura Afro-brasileira, conforme indicado pela lei 10.639/03, bem como visualizar de forma prática como a cultura Afro-brasileira dialoga e conectasse com o cotidiano atual dos discentes. Cumula-se a isso a possibilidade de refletir de forma crítica sobre a formação cultural da sociedade brasileira, estabelecer um canal lúdico e interativo com os estudantes e apontar novas possibilidades metodológicas para o trato da temática racial. Por fim, o samba, assim como diversas outras temáticas do nosso cotidiano podem se consolidar como um canal de reflexão sobre a cultura negra no Brasil.

Palavras Chave: samba, História, educação étnico-racial

INTRODUÇÃO

Segundo Fonseca (2011) a constituição da História como disciplina escolar, ou seja, "(...) com objetivos definidos e caracterizada como conjunto de saberes originado da produção científica e do- tado, para seu ensino, de métodos pedagógicos próprios (...)" (FONSECA, 2011, p. 42) ocorreu com a estruturação de um sistema de ensino no Império. Nesse contexto, nas décadas 20 e 30 do século XIX, os projetos educacionais incluíam a disciplina de História que abarcava a "História Sagrada", a "História Universal" e a "História da Pátria". Neste contexto, a história tinha a função de formar mo-



O SAMBA NA PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1930): UMA POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM AULAS DE HISTÓRIA



ralmente crianças e jovens a partir dos princípios cristãos, da doutrina da religião católica e do conhecimento dos fatos notáveis da história do Império. Desse modo, segundo a autora, ensinava-se uma história eminentemente política, nacionalista e que exaltava a colonização portuguesa, a ação missionária da Igreja Católica e a monarquia. O principal objetivo desse sistema educacional era a formação das elites dirigentes, deixando de lado a maioria da população, formada principalmente por escravos e negros.

A partir da República, segundo Fonseca (2011) houve uma maior preocupação com a metodologia utilizada pelos professores, porém a disciplina continuava a analisar os “grandes acontecimentos” e a valorizar o patriotismo. Na década de 1960, com a Ditadura Civil-Militar, a disciplina seguiu os moldes tradicionais e ainda os combinou com medidas de restrições à formação e atuação dos professores, visando exercer o controle ideológico e excluir quaisquer resistências ao regime ditatorial. A História tradicional não permitia a interpretação e a análise crítica para evitar a formação de sujeitos que questionassem a sociedade. A autora ainda argumenta que no período da Ditadura Civil-Militar o regime preocupou-se com o ensino da educação cívica, num nítido papel moralizador e ideológico, em nome da segurança nacional. Desse modo, nessa concepção os homens não eram protagonistas de sua própria história, pois necessitavam ser conduzidos pelos “grandes vultos”, os únicos sujeitos as histórias.

Para Fonseca (2011), no final da década de 1970, a crise do regime militar, o processo de redemocratização e o aparecimento de novas possibilidades de pensar a realidade brasileira propiciaram algumas mudanças no ensino de História. Diante desse contexto, novos programas e novas propostas metodológicas foram realizadas em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. O programa de Minas Gerais, foi praticamente um modelo a ser seguido, pois seria uma síntese de um ensino de História democrático e participativo. A disciplina de História que se formava apoiou-se no materialismo histórico onde homens passam a ser sujeitos de sua própria história. Outras mudanças ocorreram na década de 1980, quando foi necessário incluir nos programas curriculares e nos livros as tendências da historiografia contemporânea, como ocorreu com a História das Mentalidades³ e a História do Cotidiano⁴, para Fonseca (2011) ambas correntes historiográficas ainda são consideradas como inovações no ensino de História.

Desse modo, a disciplina de História que inicialmente servia aos grandes acontecimentos, datas e grandes heróis, aos poucos, foi agregando outros sujeitos e, para incluir essas novas perspectivas foi necessário ir em busca de novos documentos. Pereira e Seffner (2008) afirmam que a Escola dos Annales, desde início do século XX, anunciou uma nova concepção de História que acabou com a hegemonia do documento escrito permitindo que o historiador não utilize apenas documentos e tramas oficiais. Novas fontes começaram a ser utilizadas: imagens, filmes, crônicas, relatos

3 Corrente historiográfica que estuda os modos de pensar e de sentir dos indivíduos de uma determinada época.

4 Corrente historiográfica que estuda o dia a dia a partir da linguagem, do sistema de hábitos e do uso dos objetos e que representam o espaço de socialização.



O SAMBA NA PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1930): UMA POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM AULAS DE HISTÓRIA



de viajantes, registros paroquiais, oralidades. O documento passou a ser compreendido como um vestígio do passado construído intencionalmente pelos homens, não sendo uma “encarnação da verdade”. Novos documentos permitiram que novos sujeitos fossem investigados, a história deixou de ser apenas dos grandes heróis e dos grandes acontecimentos para perceber outras nuances que eram silenciadas. De acordo com o Parâmetros Curriculares Nacionais (1988) de História, a disciplina deve abordar identidade e cidadania, além de desenvolver competências ligadas à: leitura, análise, contextualização e interpretação das diversas fontes e testemunhos das épocas passadas e também do presente. Como professora de História em formação e pesquisadora da temática negra tenho o desafio de dialogar com a Lei 10.639/03 que foi resultante de inúmeros debates e ações do movimentos negros. A Lei determinou que a História e a Cultura Afro-brasileira são temas obrigatórios do conteúdo programático de todo o currículo escolar do ensino fundamental e médio, nas escolas públicas e privadas. Desse modo, deverão estar inclusos o estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade brasileira, elencando a contribuição social, econômica e política à História do Brasil. Segundo Souza (2012), esta Lei ainda é uma polêmica além de não ser plenamente aplicada, especialmente por que envolve questões referentes à construção da nacionalidade e da identidade brasileira a partir das heranças africanas e escravistas. Além disso, embora haja, segundo a autora, um aumento do material didático sobre o tema, há, em boa parte, desses materiais, problemas significativos atinentes à maneira como os assuntos são apresentados reproduzindo estereótipos e repassando um conhecimento precário sobre a África. Existe portanto, a necessidade de buscar estudar e pesquisar para a aplicabilidade da Lei em sala de aula.

Diante desse contexto, o objetivo deste artigo é analisar como a história do samba pode ser uma estratégia curricular para abordar a educação das relações étnico-raciais nas aulas de História, do ensino médio técnico a partir do diálogo com a Lei 10.639/03.

A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

A educação para as relações étnico-raciais, no Brasil, é muito recente, pois há uma defasagem histórica referente a essa temática na sociedade e, portanto, na escola. Se durante a escravidão, o escravizado não era considerado como um cidadão do Estado, com a Abolição foi necessário repensar a cidadania dos ex-escravos e de seus descendentes. Porém, no Brasil, nas décadas finais da escravidão prevaleceram as teorias raciais que foram moldadas a partir das teorias da Europa. Para os teóricos brasileiros existiam três raças: branca, negra e indígena.

A raça branca seria superior, detentora de todas as características necessárias a civilização e a modernização da nação, porém o Brasil era marcado pela intensa presença da população negra vista como intelectualmente inferior. Diante deste impasse a solução recomendada foi o branquea-



O SAMBA NA PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1930): UMA POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM AULAS DE HISTÓRIA



mento da população a partir da imigração, principalmente de europeus. A Figura 1, a baixo, é a tela de Modesto Brocos y Gomes e retrata esse ideário de branqueamento.



Figura 1 - Tela de Modesto Brocos y Gomez, "A redenção de Cam", 1895.

A Figura 1 representa o branqueamento de uma família brasileira. A idosa de pele negra levanta às mãos para o céu, possivelmente agradecendo por seu neto ser branco, enfim sua família havia embranquecido. Segundo o Velho Testamento da Bíblia, Cam era um dos filhos de Noé, e em certa ocasião teria visto o pai bêbado e nu, em vez de ajudá-lo teria chamado os irmãos para a ver a cena. Como forma de punição por tal atitude Noé teria determinado que Cam e seus descendentes iriam ser escravos do restante da família. Após a dispersão da família de Noé pelo mundo, Cam teria ido pela África. Nota-se que esta história foi utilizada para justificar a escravidão, já que os africanos seriam descendentes de Cam deveriam, portanto, ser escravos do restante do mundo. Pelo quadro, da figura 1, a redenção de Cam ocorreu quando houve o branqueamento de seus descendentes.

Para Hofbauer (2007) o branqueamento não é uma invenção brasileira, que teria sido desenvolvida na virada do século XIX para o XX, pois a ideia de transformar negro em branco perpassou longos períodos históricos. Na cor branca foram projetados, ao longo do processo civilizatório, além de valores religiosos-morais, também ideais de liberdade e de progresso civilizatório, que refletiam os anseios e os interesses das elites e ao mesmo tempo tem tido respaldo no imaginário popular. Este ideário de branqueamento ocasiona uma supremacia do branco induzindo alguns indivíduos a se aproximarem deste ideal.

Na década de 1920 foi proibida a imigração e o Brasil estava muito longe de possuir uma raça branca. Além disso, o país passou por inúmeras transformações. A Semana de Arte Moderna, de 1922, buscava uma identidade nacional que se contrapusesse aos polos de dominação econômica. E, o governo de Getúlio Vargas propunha um ideal nacionalista. Nesse contexto, a partir da década de 1930, prevaleceu o mito da democracia racial, que tem como expoente a obra de Gilberto Freyre (1997) "Casa Grande e Senzala". O termo "democracia racial" não foi elaborado por Freyre,



O SAMBA NA PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1930): UMA POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM AULAS DE HISTÓRIA



pois já existia, na sociedade brasileira, anteriormente a publicação do livro. Na obra o autor busca identificar como ocorreu a formação da sociedade patriarcal, apontando para a benignidade do sistema escravista brasileiro. Além disso, o conceito de cultura assume o lugar da raça. A mestiçagem até então considerada como um entrave para o desenvolvimento econômico do país passou a ser vista como um grande potencial para a civilização. Segundo Sansone (2004, p. 10-11) o mito da democracia racial gerou relações raciais ambíguas em que há uma informalidade no contato social e nas relações com as pessoas de cor e de classes diferentes, além da ausência de distinções raciais claras. Este mito foi aceito e reproduzido na vida cotidiana, tornando-se popular nas classes mais baixas.

No início dos anos de 1950, a UNESCO patrocinou uma série de pesquisas que abordavam as relações raciais no Brasil. Segundo Marcos Chor Maio (1999) a UNESCO foi criada depois da Segunda Guerra Mundial e tinha como um de seus objetivos entender o conflito internacional e uma de suas graves consequências, o holocausto. Mesmo após a Segunda Guerra Mundial, existia ainda o preconceito racial nos Estados Unidos e na África do Sul, enquanto no Brasil vivia-se uma “democracia racial”. Desse modo, o objetivo das pesquisas era investigar como que numa sociedade marcada pela presença muito grande de negros, havia uma interação racial bem sucedida. Porém, os estudos realizados apontaram para uma sociedade diferente daquela democracia racial.

Os estudos de Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Luís Aguiar da Costa Pinto e Fernando Henrique Cardoso fizeram parte daquele projeto da UNESCO. No Rio Grande do Sul até então prevalecia o “mito da democracia pastoril”. Desse modo, a historiografia rio-grandense ignorava a presença escrava e ressaltava a extrema liberdade dos escravos. Além disso, destacava a benevolência dos senhores nas estâncias. Contrariando essas afirmações Cardoso (1977) apontou para a existência do cativo desde a formação do Rio Grande do Sul, tanto nas cidades como nas áreas rurais. Ao contrário do que até então a historiografia defendia, Cardoso enfatiza que a sociedade gaúcha foi organizada aos moldes do patriarcalismo, como dominação, subordinação e brutalidade nas relações dos senhores com os escravos.

Cardoso (1977) derrubou o mito da democracia racial além de ser o primeiro estudo sistematizado com diversas fontes históricas, porém para o autor o escravo era “socialmente uma coisa”, sem ação autônoma. Atualmente os estudos apontam para a agência dos escravos e para várias formas de resistências que realizaram no decorrer da escravidão. Mesmo sendo arrolados nos inventários de seus senhores como bens semoventes, juntamente com o gado, os escravizados não se viam como coisas, pois lutaram para conquistar sua liberdade, para formar e manter famílias, tinham redes de amigos e parentescos.

E o samba? Originário da Bahia, ele chegou no começo do século XX, no Rio de Janeiro. Porém, em decorrência de teorias raciais e eugênicas ele foi perseguido. Segundo o historiador Chalhoub (2001, p. 49-51), no Brasil a transformação do trabalhador livre em assalariado passou



O SAMBA NA PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1930): UMA POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM AULAS DE HISTÓRIA



por duas etapas: primeira: a construção de uma nova ideologia do trabalho; segunda: a vigilância e a repressão exercida pelas autoridades policiais e judiciárias. Essas etapas tendiam disciplinar a mão de obra para o mercado de trabalho assalariado. Com a proximidade do término da escravidão era necessário mudar o conceito de trabalho para que assim ganhasse uma valorização positiva. O objetivo era que os homens livres internalizassem que o trabalho era um valor supremo, necessário para regular o pacto social. Dessa forma, precisava ocorrer a disciplinarização do tempo e do espaço dos trabalhadores. Para além destes, havia ainda a necessidade da existência de uma conduta familiar e social compatíveis com a situação de um indivíduo integrado à sociedade. Para que esses ideais das elites fossem implantados, era necessário utilizar a vigilância policial. Os trabalhadores considerados como “vadios”, “promíscuos”, “desordeiros” foram levados à prisão, numa tentativa de serem corrigidos, ou seja, torná-los aptos para o trabalho, sem vícios. O domínio social sobre os trabalhadores ocorreu desde a tentativa rígida do controle do espaço e do tempo durante a realização do trabalho e também com a normatização das relações pessoais e familiares dos trabalhadores.

Além de haver a vigilância dos botequins e das ruas que eram os espaços de lazer popular.

COLETANDO OS DADOS DA PESQUISA AO SOM DO SAMBA

A pesquisa foi aplicada nas aulas de História com uma turma do Curso Técnico em Química, modalidade integrado do IFSUL, Campus Pelotas. A turma é composta de trinta e três alunos, de acordo com a lista de frequência, mas no dia da realização da pesquisa estavam presentes 28 alunos, numa faixa etária de 15 a 17 anos de idade.

Os dados que serviram de base para essa análise foram registrados por meio de um questionário com quatro questões fechadas e uma questão aberta que desafiavam ao aluno a refletir sobre o samba e sua origem. A primeira questão do referido instrumento teve como objetivo perceber se os alunos reconheciam quais gêneros musicais, entre eles o samba, são de origem afro-brasileira. Para isso, os alunos escutaram diferentes músicas enquanto anotavam no questionário. Foi um momento em que os alunos escutaram algumas músicas que faziam parte do dia a dia, mas também tiveram contato com outros cantores e gêneros musicais. A questão dois buscou perceber se os estudantes reconheciam quais instrumentos fazem parte tradicionalmente do samba, para isso foi disponibilizado a imagem dos seguintes instrumentos: cuíca, banjo, cavaquinho, piano, pandeiro, arpa, tamborim, reco-reco e agogô. Com a questão três pretendeu-se identificar se os alunos identificavam a Bahia como localidade de origem do samba, pois geralmente pensa-se que é o Rio de Janeiro, local onde ele se fortaleceu.

A questão quatro visou investigar se os discentes já haviam tido contato com alguns sambistas, para isso uma lista com vários artistas foi disponibilizada. A última questão foi elaborada para diagnosticar se os estudantes relacionavam a questão étnico-racial com o gênero musical, para



O SAMBA NA PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1930): UMA POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM AULAS DE HISTÓRIA

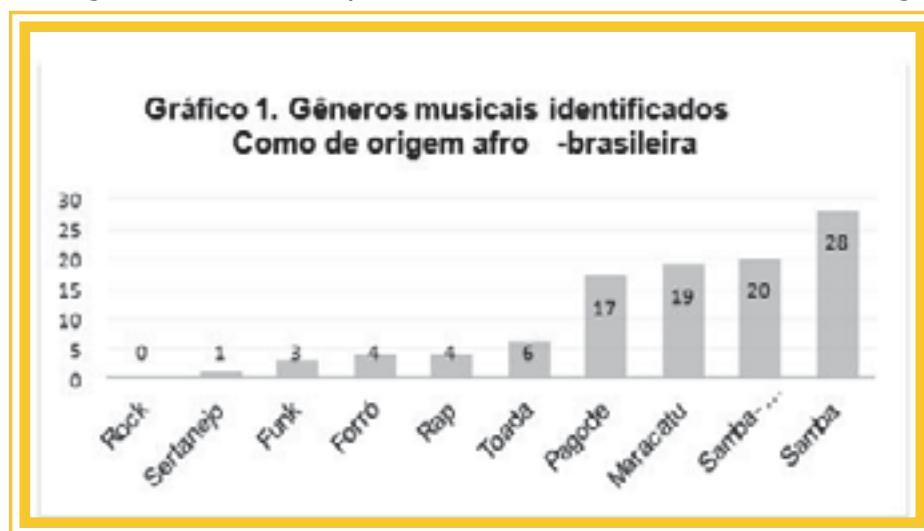


isso contou com um depoimento do sambista João da Baiana, narrando sobre as perseguições policiais aos sambistas e com uma imagem da pintura “batuque” de Rugendas, a partir desse material os alunos deveriam apontar alguns motivos por que o samba foi perseguido na Primeira República (1889-1930).

O trabalho desenvolvido com a turma envolveu a aplicação do questionário e utilização de recursos visuais e sonoros com objetivo de explorar as diversas referências dos discentes sobre o tema abordado. Após a aplicação do questionário junto a turma o tema continuou sendo tratado pela professora a partir de uma aula que articulou as questões que os estudantes responderam com a história do samba.

DE DONGA A TIAGUINHO: A RESISTÊNCIA NEGRA NAS AULAS DE HISTÓRIA

O material coletado está em processo de categorização, por isso trago algumas considerações iniciais. O Gráfico 1, a seguir, foi elaborado a partir das respostas da primeira questão do questionário e traz os gêneros musicais que os alunos identificaram como de origem afro-brasileira.



Nota-se que o samba foi unanimidade entre os alunos, pois os 28 estudantes consideraram que este gênero musical é de origem afro-brasileira. Esta situação possivelmente ocorreu devido à popularidade atual do gênero musical, em que alguns sambistas participam de programas de televisão. Outros gêneros musicais identificados como afro-brasileiros e que apresentaram um número significativo foram o samba-enredo, o pagode e o maracatu, pelo que percebi em sala de aula, os estudantes relacionaram a batida de tambores à cultura afro-brasileira. Com menos expressividade apareceram o gênero sertanejo, funk, forró, rap e toada. Somente o rock não foi considerado como um gênero de origem afro-brasileira.



O SAMBA NA PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1930): UMA POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM AULAS DE HISTÓRIA

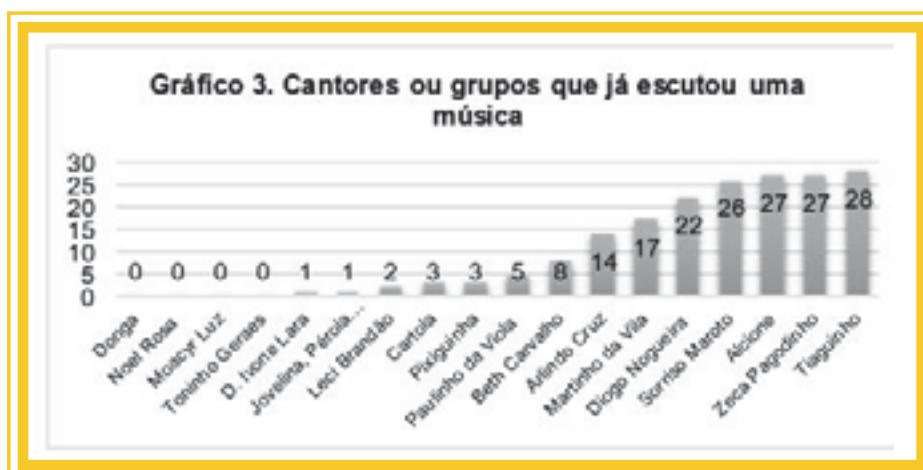


O Gráfico 2, a seguir foi elaborado a partir da questão dois que visou identificar quais instrumentos os alunos reconheciam como tradicionais no samba.



Pelos dados do Gráfico 2, é possível perceber que a maioria dos discentes reconheceu os instrumentos tradicionais do samba: banjo, reco-reco, tamborim, cavaquinho, cuíca e pandeiro, sendo que este último instrumento foi o único que todos os estudantes marcaram. A questão quatro tratou da origem do samba. Dezesesseis alunos marcaram que foi na Bahia, onze no Rio de Janeiro e um aluno não marcou nenhuma opção. Há uma polêmica quanto a origem do gênero, por muito tempo acreditou-se que o samba teria surgido, inicialmente, no Rio de Janeiro, porém atualmente parecer ser a Bahia o local de origem, e no Rio de Janeiro, em especial, na casa da Tia Ciata o samba teria ganhando força e se espalhado pelo Brasil. Tia Ciata, era uma baiana que residia na Gamboa, região portuária. Em sua casa, no começo do século XX, surgiu a primeira geração do samba, composta por Donga, Pixiguinha, João da Baiana, entre outros e possivelmente teria sido o lugar onde os sambistas criaram um dos primeiros sambas a serem gravados no Brasil “Pelo telefone”.

O Gráfico 3 foi elaborado a partir da questão 4 em que os alunos identificaram os cantores e grupos que conheciam.





O SAMBA NA PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1930): UMA POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM AULAS DE HISTÓRIA



Entre a lista de cantores e grupos disponibilizados no questionário, nota-se que os mais conhecidos são aqueles que são da atualidade e que estão em foco na mídia. Todos já escutaram Tiaguinho e a maioria marcou Diogo Nogueira, Sorriso Maroto, Alcione e Zeca Pagodinho. Os menos conhecidos são aqueles sambistas das primeiras gerações do samba como Donga, Pixiguinha, Noel Rosa, Cartola ou aqueles que não fazem sucesso na mídia. Durante a aula, os alunos tiveram contato com alguns sambas e sambistas que não faziam parte de seu cotidiano.

Na última questão, os alunos desenvolveram principalmente os seguintes temas: o samba como resistência negra, a felicidade dos negros ao tocar samba, o racismo da sociedade brasileira, o branqueamento da população. Os dados coletados junto aos alunos estão em fase de categorização, mas já é possível afirmar que a temática em questão possibilita retomar a história e a Cultura Afro-brasileira, conforme indicado pela lei 10.639/03, bem como visualizar de forma prática como a cultura Afro-brasileira dialoga e conecta-se com o cotidiano atual dos discentes. Cumula-se a isso a possibilidade de refletir de forma crítica sobre a formação cultural da sociedade brasileira, estabelecer um canal lúdico e interativo com os estudantes e apontar novas possibilidades metodológicas para o trato da temática racial.

Por fim, o samba, assim como diversas outras temáticas do nosso cotidiano podem se consolidar como um canal de reflexão sobre a cultura negra no Brasil. A exploração desta temática no presente trabalho busca experimentar novas abordagens curriculares com objetivo de promover a história e a Cultura Afro-brasileira em conexão com os interesses dos estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional**: o negro na sociedade escravocrata no Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro na *belle époque*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história do branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora da UNESP, 2007.

PEREIRA, Almicar Araújo. A Lei 10.639/03 e o movimento negro: aspectos da luta pela

“reavaliação do papel do negro na história do Brasil”. *Cadernos de História*. Belo Horizonte. V.12. nº 17, 2011. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/viewFile/P.22378871.2011v12n17p25/3725>. Acesso em 30 de maio de 2016.



O SAMBA NA PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1930): UMA POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM AULAS DE HISTÓRIA



SILVA, Camila Alexandre da. Samba e malandragem no ensino de História. **Saberes e práticas de professores de História em formação**. Porto Alegre: UFRGS, 2013. Disponível em: http://www.ufrgs.br/pibid/cadernos/cad_historia.pdf Acesso e 24 de março de 2016.

SOUZA, Maria Mello de. Algumas impressões e sugestões sobre o ensino da História da África. *Revista História Hoje*. V 1. Nº 1, p. 17-28, 2012. Disponível em: <http://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/3> Acesso em 22 de março de 2016